

A CRISE DA IGREJA CATÓLICA NO RENASCIMENTO: UM DIÁLOGO ENTRE RABELAIS E MENOCCHIO

THE CRISIS OF THE CATHOLIC CHURCH AT THE RENAISSANCE: A DIALOGUE BETWEEN RABELAIS AND MENOCCHIO

Gabriel Lecznieski Kanaan¹

KANAAN, G. L. A crise da igreja católica no renascimento: um diálogo entre Rabelais e Menocchio. **Akrópolis** Umuarama, v. 26, n. 2, p. 182-193, jul./dez. 2018.

DOI: 10.25110/akropolis.v26i2.3798

RESUMO: Ao final do século XV e por todo o século XVI, a Europa passa por um momento de intensas transformações econômicas, sociais e políticas. O mercantilismo começa a se impor, as ideias humanistas e renascentistas fervilham pelo continente e a Reforma modifica consideravelmente as estruturas da sociedade europeia ocidental. Para compreender melhor a natureza dos fenômenos que levaram à contestação das antigas estruturas da sociedade europeia (focando na instituição católica), bem como a respectiva abrangência deste processo de contestação, são comparadas as perspectivas de Rabelais às de Menocchio, duas figuras que vivenciaram esta conjuntura de transformações a partir de contextos diferentes.

PALAVRAS-CHAVE: Conjuntura; Humanismo; Menocchio; Rabelais; Reforma; Renascimento.

¹Doutorando em História na Universidade Federal Fluminense no setor de História Contemporânea III. Licenciado, bacharel e mestre em História pela Universidade Federal de Santa Catarina. gkanaan@gmail.com

ABSTRACT: By the end of the fifteenth century and throughout the entire sixteenth century, Europe went by intense economic, social and political transformations. Mercantilism began to rise, humanistic and renaissance ideas spread around the continent and the Reformation modified considerably the structures of the occidental european society (focusing on the Catholic Institution), as well as the respective scope of this contestation process, Rabelais' perspectives are compared to Menochio's, two characters that lived this conjuncture of transformation from different contexts.

KEYWORDS: Conjuncture; Humanism; Menocchio; Rabelais; Renaissance; Renovation.

Recebido em março de 2012
Aceito em março de 2019

INTRODUÇÃO

Independente da corrente historiográfica a qual pertence determinado autor, e respectivamente, de seus modelos teóricos, métodos de pesquisa e formas de interpretação, é imprescindível, no estudo da história, a relação do indivíduo e dos fenômenos históricos em análise com o contexto no qual estes estão inseridos. É entendido que as características e especificidades de certo lugar em um período determinado, relativas à organização social, às visões de mundo e aos diversos outros fatores, molda e possibilita o desenrolar de mudanças e manutenções, guerras, insurreições, surgimento de figuras históricas, enfim, estabelece os incertos limites e caminhos que a história poderá seguir. Como este ensaio trabalhará bastante com a ideia da importância do cenário em que se desenvolve o fenômeno a ser estudado, creio cabível então uma breve discussão introdutória acerca do que se entende por contexto histórico e conjuntura.

A ideia de temporalidades da história, proposta por Braudel, define três patamares diferentes na história - a história factual, que inscreve-se no tempo curto dos acontecimentos e vê os fatos de maneira isolada; a história conjuntural, a qual obedece a um ritmo mais lento e abrange uma série de fatos, formando uma rede de relações entre estes; e uma história estrutural, que então abrangeria períodos mais longos ainda do que a história conjuntural, apresentando valores fixos há muito tempo, e estabelecendo relações entre diferentes conjunturas que se encontram, deste modo, nas mesmas estruturas. Para Braudel, a especificidade da história é a capacidade de articular estes tempos que encontram-se superpostos nos momentos históricos, distinguindo as diferentes temporalidades para então estabelecer entre elas determinadas relações, articulando-as (BRAUDEL, 1992, p. 41-78).

Porém, essa visão acerca das temporalidades apresentada por Braudel, embora inteligente em diversos aspectos e útil em várias ocasiões, considera as temporalidades como medidas do mundo e dos homens, externas aos indivíduos, de maneira que o historiador deve afastar-se e expatriar-se o máximo possível do evento que estuda. A meu ver, deve-se entender por contexto histórico não somente um modelo explicativo, que aponta as medidas das relações sociais, políticas e econômicas do espaço geo-

gráfico em questão, mas, além disso, perceber determinado contexto histórico como uma construção social que assegura a dominação dos que têm controle, sobre o seu tempo e o tempo dos demais sobre os que não possuem os meios de controle nem o poder relativos à construção temporal. Com base nisso, percebemos que há uma forte relação entre o indivíduo e o tempo, tornando a ideia de conjuntura como um modelo afastado, externo e expatriado dos próprios agentes que o constroem, seguindo esta linha de raciocínio, discutível (CHARTIER, 2009, p. 65-68).

Passemos agora a apresentação do tema em si. Após discutir a importância do contexto histórico na realização de um estudo, bem como das especificidades desses e suas influências distintas, coloco a proposta geral do estudo: para entender melhor este fervilhar de mudanças que caracteriza este período que vai do desfecho do século XV ao final do século XVI, estabelecer uma comparação entre dois micro-contextos europeus distintos, para através desta análise perceber o que é específico de sua própria conjuntura limitada por suas especificidades, e o que pode ser considerado modelo de uma região de maior abrangência. Talvez possa parecer algo contraditório buscar resultados equivalentes por meio de dois contextos diferentes, ainda mais após ressaltar a especificidade que cada um destes possui; entretanto, a ideia consiste em estabelecer pontos de comparação que nos tragam aspectos, relações e estruturas que são comuns em um contexto maior, que envolve estas duas micro-histórias dentro de seu campo de abrangência.

Os dois cenários a serem comparados são o que se apresentam na França, a qual atravessa o período de transição da Idade Média à Idade Moderna. Focaremos no contexto de Rabelais (1494-1553) e o que aparece no norte da Itália Renascentista, vivenciado por um moleiro de uma pequena aldeia, Menocchio (1532-1599), do qual nos utilizaremos de suas experiências e ideias. Aqui, é imprescindível destacar a peculiaridade dessas duas figuras, e introduzir a questão relativa à representatividade delas (GINZBURG, 2006, p. 19-23). Menocchio, como veremos, não é nem de longe um camponês típico, adjetivo que também não pode ser empregado para caracterizar Rabelais, um padre franciscano e depois beneditino que tem seus livros proibidos pela Igreja. Entretanto, embora

cada um tenha suas características específicas, em certos pontos podemos ver claras semelhanças, o que é presumível, já que o processo de transição entre o período medieval e moderno, bem como as ideias humanistas-renascentistas, estão em processo em ambos. Além disso, as ligações e rotas comerciais entre estes espaços permitem o desenvolvimento de uma forte troca cultural entre a França e Itália, bem como por toda Europa, o que insere o contexto de Rabelais e o de Menocchio em uma estrutura que envolve ambos, tornando-os, portanto, representativos da conjuntura que vivenciam.

Para realizar este estudo, baseei-me principalmente no trabalho de Carlo Ginzburg, "O queijo e os vermes", no que concerne ao contexto de Menocchio, e na obra de Mikhail Bakhtin, "A cultura popular na Idade Média e no Renascimento", em se tratando do contexto de Rabelais; por ter deixado uma obra do calibre de "Gargantua e Pantagrue". Será possível acessar o pensamento de Rabelais de maneira mais direta (levando em conta as alterações desencadeadas pela transmissão do livro ao longo do tempo, e das diversas traduções efetuadas), o que não apresenta-se viável com o caso de Menocchio. A partir disso, é muito importante entender que o que abordaremos acerca deste tempo passado não passa de uma reconstrução, regida por nossas mentalidades, concepções e pontos de vista, acerca de determinados aspectos sobre os quais realizaremos suposições. Infelizmente, nunca teremos o passado tal qual ele foi. Porém, ao tentar nos aproximar o máximo possível dele, compreendendo as relações e ideias que estabeleciam-se e vigoravam neste tempo, é necessário entender como pensavam as pessoas naquela época: o que faziam, como era o local onde viviam, como era o seu cotidiano, quais os julgamentos de valores e os costumes que tinham (BAKHTIN, 1987, p. 1-50). Outra vez, questiono a validade do expatriamento proposto por Braudel, pois quanto mais próximo estiver o pesquisador de seu objeto, melhor compreenderá os pequenos nuances e códigos que escapam ao observador que mantém-se com esta visão geral e afastada da sociedade em estudo.

Contudo, o que me trouxe a esta discussão, e me fez pensar na ideia de comparação entre estes dois contextos do século XVI foi a indagação das causas que levaram a uma crise tão profunda da Igreja Católica neste período.

Menocchio, assim como Rabelais, caracterizou-se por fazer críticas significativas ao clero e à organização clerical. Serão as ideias expostas por eles o pensamento geral que vigorava nas sociedades europeias desta época? Percebendo que pontos eram levantados nestas críticas, podemos relacionar essas novas visões e exigências com as novas ideias e necessidades da população que começam a se manifestar na Europa, procurando descobrir a representatividade ou não destes dois indivíduos. Perceberemos então as transformações que desenvolveram-se no recorte abordado, e a partir desta percepção, será mais fácil compreender as implicações que essas transformações causaram sobre a instituição católica, e como estas implicações refletiram no decorrer da estruturação da Igreja.

A CONJUNTURA DA EUROPA RENASCENTISTA

Vamos então, antes de mais nada, fazer um sobrevoo sobre o que ocorria na Europa dos séculos XV e XVI, olhando-a de maneira mais geral, como um grande conjunto, levantando alguns dos pontos importantes para entender-se esta conjuntura, percebendo as relações que se davam entre estes pontos e o que eles caracterizavam. Esse período é caracterizado sobretudo por apresentar um fervilhar de mudanças, em que são feitas descobertas, teorias indiscutíveis e dogmas são postos em discussão, abalando de modo significativo as estruturas europeias vigentes. A chegada nas Américas por parte dos europeus é um importante fator desta malha de transformações, pois, ao trazerem experiências tão fantásticas de um mundo inteiramente novo, os navegadores incutem no pensamento europeu uma sensação de dúvida e de "desconhecimento", bem como de curiosidade, que rompe com os padrões fixos da época. Outro acontecimento que se contrapõe aos dogmas vigentes é a contestação da tese "terra plana", com a formulação da ideia do mundo ser redondo. Analisando essas questões, já é perceptível o momento de crise pelo qual passa a Igreja Romana, que ao invés de buscar uma adaptação e reformulação de suas estruturas (os que o tentam levam às dissidências como a criação da Igreja Protestante), vê na Contrarreforma e na intensificação da Inquisição os meios para desferir um contragolpe a esta situação adversa.

Também temos nas cidades a gradati-

va formação da burguesia, o que se insere no contexto de transição de um sistema feudal para um sistema mercantilista. As implicações desta transformação configuram uma influência direta e importantíssima sobre a crise da Igreja Católica: tendo que a acumulação de riquezas torna-se a base deste novo sistema, e considerando que a moral católica prega (aos seus seguidores, embora muitas vezes não o aplicasse a si mesmos) uma vida simples e livre de bens materiais, deparamo-nos com uma contradição, ou melhor, com um impasse. Aquele indivíduo que deseja investir no comércio e lucrar, porém quer manter-se um cristão e membro da Igreja, aspira por uma conciliação entre estes dois pontos.

É essencial ainda ressaltar a força e a influência que as ideias humanistas atingem: trazendo os ideais de liberdade de expressão, valorização do ser humano, e uma certa antipatia às normas e padrões estabelecidos pela Igreja Romana, o pensamento humanístico-renascentista se concretiza como outro exemplo claro de oposição à instituição monástica.

Esta conjuntura caracterizada por questionamentos e contestações leva, juntamente com outros fatores, a movimentos como a Reforma. Perdura um momento onde fatores como o predomínio das ideias humanistas e o aparato da Reforma possibilitam a expressão do descontentamento abafado por muitas décadas de grupos sociais oprimidos, principalmente os camponeses. A consciência no campo muda, fazendo com que um moleiro de uma pequena aldeia italiana sonhe em dizer “umas verdades” para bispos, príncipes e talvez até ao papa; tão grande é a peculiaridade deste momento, que até mesmo padres atiram críticas severas a esta instituição em crise.

Um veículo que aumentou infinitamente a escala de propagação destas ideias foi a invenção da imprensa. Com ela, a circulação destas correntes de pensamento ganhou muito mais força; a imprensa consagrou-se como um fator de crescimento da abrangência das ideias nascentes e agilizador da divulgação destas. Como a Reforma, estabeleceu-se como um dos meios que tornaram possível a expressão das ideias de pessoas como Menocchio, que pôde confrontar a cultura escrita dos livros com a cultura oral das tradições locais camponesas. Chama a atenção o acesso e disponibilidade que Menocchio possuía sobre os livros, dos quais muitos conseguia emprestados, mostrando que havia um acesso

considerável aos livros e círculos de leituras entre certas pessoas (GINZBURG, 2006, p. 68-70). A imprensa rompe com o monopólio dos letrados sobre a cultura escrita, como também rompe com o monopólio dos clérigos sobre as questões religiosas. Há uma “convergência entre as aspirações de uma parte da alta cultura e as da cultura popular” (GINZBURG, 2006, p. 25-26), o que aproxima então a figura de Rabelais à de Menocchio.

Como serve para trazer ideias até Menocchio, a imprensa serve também para levar as ousadas ideias de um escritor francês para o restante do continente. Sem ela, a obra de Rabelais nunca teria tido tanta propagação e sucesso como teve, e talvez não estaríamos estudando hoje. Essa nova ferramenta possibilitou uma troca cultural muito intensa entre as regiões europeias, e ao mesmo tempo em que propagava as ideias de Rabelais, trazia a este inúmeros livros e influências de outros pensadores. Ganha ênfase nesta questão a rota trilhada pelas ideias renascentistas provenientes da Itália, o berço do Renascimento, rumo à França, espalhando pela Europa esta nova ideologia característica do período.

No entanto, a utilidade da imprensa depende inteiramente, é óbvio, da capacidade dos indivíduos lerem; e embora seja normal que um padre como Rabelais domine a leitura, chama atenção que um moleiro da pequena aldeia italiana de Montereale saiba ler e escrever. Ginzburg mostra como a posição do moleiro era destacada na sociedade, trazendo as funções administrativas que Menocchio exercera em seu povoado, assim como, sua situação econômica e política no vilarejo. Contudo, mesmo levando em consideração a posição diferenciada de Menocchio, ainda é espantoso como se lia nesta pequena e afastada região da Itália. Uma rede de circulação de livros desenvolvera-se entre alguns letrados, e no curto período em que Menocchio se afastou de Montereale, teve contato com viajantes que traziam novas ideias e visões (GINZBURG, 2006). Creio que essa percepção é reveladora da influência exercida pelo contexto e pelos fenômenos históricos que desenvolviam-se naquela situação; borbulhava pela Europa esta agitação; essa busca por mudanças decorrente de um sentimento de indignação, de um descontentamento, o qual encontrava finalmente uma brecha por onde poderia aflorar.

Portanto, essa conjuntura propicia os

fenômenos históricos que se desenrolam no decorrer deste período. No momento em que temos uma série de mudanças tão acentuadas como a que caracteriza esta fase, fica claro que novas necessidades surgirão, pois, com o surgimento de novos campos e possibilidades no universo destas pessoas, possibilidades estas interligadas com a formulação de novas concepções de mundo e formas de pensar, os anseios dos diferentes grupos destas sociedades europeias transformar-se-ão. Essas necessidades que passam a percorrer, pondo em termos gerais, a sociedade europeia ocidental, exigem uma adaptação das estruturas que exercem o poder e o controle dentro destas estruturas sociais da Europa do século XV e XVI (lembramos sempre da heterogeneidade das diversas sociedades que apresentam-se dentro deste contexto o qual analisamos).

No entanto, sabe-se que a Igreja Católica possui estruturas muito rígidas e uma postura muito conservadora, de modo que não soube adaptar-se ao novo contexto que surgia. Uma nova realidade se impõe, a qual a velha estrutura não consegue absorver. Assim, é criado um clima de insatisfação geral na população, que passa a procurar a transformação de certas estruturas de acordo com seus desejos, e a partir das ações e movimentos desses setores da sociedade que clamam por mudanças, põe-se em marcha o fluir da história. Com esse ponto de vista, podemos pensar em uma história vista de baixo para cima, onde os anseios e atitudes da sociedade levam à concretização de novas estruturas, costumes e leis (HOBSBAWM, 1998, p. 215-230).

Analisemos então, agora que fizemos com estas discussões alguns esclarecimentos e nos situamos razoavelmente, pontos que permitem uma comparação entre as críticas de Menocchio e Rabelais à instituição da Igreja Católica.

A HIERARQUIA E AS “MERCADORIAS” DA IGREJA CATÓLICA: OS PRINCIPAIS PONTOS DE ATAQUE AO CLERO

Ocorre, portanto, de acordo com o que foi visto até o momento, uma forte influência das ideias da Reforma, como também da ideologia humanista, sobre o pensamento de Menocchio e de Rabelais. A base das críticas é o fato de a Igreja possuir poder de jurisdição, detendo a

autoridade para dirigir e regular a vida cristã. É o abuso destes poderes que é denunciado, como também o faz Lutero, em suas “Noventa e cinco teses” (chamando atenção mais uma vez para a dispersão desta linha de pensamentos).

Menocchio declarou recusar todos os sacramentos, inclusive o batismo, por serem invenções dos homens, “mercadorias”, instrumentos de exploração e opressão por parte do clero: “Acho que a lei e os mandamentos da Igreja são só mercadorias e que se deve viver acima disso” (GINZBURG, 2006, p. 42).

Essa passagem demonstra pontualmente a visão da Igreja como uma estrutura que controla e explora o povo, acusando diretamente a política dos sacramentos de exercer esta função de controle. Dentro dessas políticas da Igreja acusada de exercer funções puramente político-administrativas de controle e exploração, visando ao enriquecimento e crescimento individual (já indo contra as bases teóricas do cristianismo) através de práticas criadas pelos homens, como o batismo, está o sistema de indulgências. Esta política de venda de indulgências foi um dos pontos mais criticados nesta conjuntura, sendo o ponto principal que levou Lutero e seus companheiros à Reforma Protestante. Em um trecho de “Gargantua”, ao fazer referência a um grupo de ineptos, citando um pé-rapado, um saltimbanco e um burro com guizos, Rabelais acrescenta a esse grupo um vendedor de indulgências (RABELAIS, 1986, p. 106), demonstrando a reprovação que nutria por esta prática.

Rabelais vale-se do riso como maneira de se opor à rigidez e autoritarismo dos costumes e práticas que dominam as instituições católicas, onde preza-se a tristeza e o arrependimento, em contraposição à alegria e ao prazer físico que começam a ser pensados pelas pessoas no período moderno. Como ele próprio diz: “muito mais vale o riso do que o pranto. Ride, amigo, que rir é próprio do homem” (RABELAIS, 1991, p. 31). O riso estabelece-se então como defesa contra o medo e intimidação gerados pela Igreja, definido por Mikhail Bakhtin como o “medo do poder divino e humano, dos mandamentos e proibições, autoritarismos, da morte e dos castigos alémtúmulo, do inferno, de tudo que era mais temível que a terra” (BAKHTIN, 1987, p.78). Desse modo, com seu caráter irônico, Rabelais compara a relação de certa família

com um macaco e com um monge, em um trecho onde a clareza de sua opinião faz desnecessário demais comentários:

Mas se entendeis porque um macaco em uma família é sempre ridicularizado e maltratado, compreendereis porque os monges são sempre repelidos, pelos velhos e pelos moços. O macaco não guarda a casa como um cão; não puxa a charrua, como o boi; não produz leite nem lã, como a ovelha; não carrega fardos, como o cavalo... Semelhante um monge (refiro-me àqueles monges ociosos) não trabalha, como o camponês; não guarda o país, como o soldado; não cura as moléstias, como o médico; não prega nem doutrina no mundo, como o bom doutor evangélico e pedagogo; nem transporta as mercadorias e as coisas necessárias à vida, como o negociante. É a causa de todos eles serem repelidos e odiados (RABELAIS, 1991, p. 197-198).

Parece, portanto, que esta atitude de enfrentamento da intimidação e do medo causados pela estrutura da Igreja também aparece intensamente em Menocchio. Outro exemplo da posição firme e crítica que ele se propõe a manter é o questionamento do valor dos padres, pondo, deste modo, em dúvida toda a hierarquia da Igreja (de modo semelhante a uma analogia feita por Rabelais entre a organização hierárquica de um grupo de pássaros com a organização hierárquica eclesiástica, que veremos adiante). Isto está presente, por exemplo, no discurso de Menocchio sobre a água benta:

Acredito que todas as águas sejam abençoadas por Deus, e se um leigo soubesse as palavras, valeriam tanto quanta as do sacerdote, porque Deus distribuiu a virtude igualmente para todos e não mais a um que a outro (GINZBURG, 2006, p. 117).

Por último, levantemos rapidamente mais um ponto que enfatiza a influência da conjuntura das Reformas na Europa: a visão que Menocchio sustenta acerca da validade da utilização e adoração das imagens. Ao ver de Menocchio, as imagens e relíquias não devem ser adoradas, ação que deve ser exclusiva a Deus (GINZBURG, 2006, p. 44). Essa exclusividade

na adoração a Deus e não-adoração dos santos e ídolos era uma corrente predominante nos círculos reformistas, e mais um exemplo da escala de projeção destas ideias é, além do caso de Menocchio, um homem que este conhece chamado Nicola de Porcia, que partilha muitas ideias com Menocchio e representa a figura dos vários indivíduos que perambulam pela Europa, pondo em marcha um processo de intensas trocas culturais. Como Menocchio, considera as imagens como mercadorias, as quais não deviam ser postas nas igrejas.

INQUISIÇÃO E CRÍTICA INDIRETA

Tanto Menocchio como Rabelais não atacam a Igreja abertamente: as críticas são feitas de forma indireta, ou no mínimo, de maneira cautelosa. Menocchio, ao mesmo tempo em que movia duras acusações contra a instituição católica em seu próprio julgamento, buscava contrabalancear pedindo perdão por suas heresias e pensamentos que, em suas palavras, “o falso espírito me fez acreditar”, afirmando ser um bom cristão (GINZBURG, 2006, p. 140-142). É evidente que o temor, que a Inquisição inspirava fazia com que um simples moleiro, mesmo que convicto em suas teses e corajoso para expô-las (aspecto que, como já vimos, foi propiciado em parte pela conjuntura da Reforma), retrocedesse com seus argumentos, buscando afastar-se dos castigos infligidos pela Igreja àqueles que a contestassem.

Rabelais, como Menocchio, não enfrenta a Igreja de maneira direta, mas o faz de forma velada, eufêmica, utilizando-se de um ar irônico e do riso. Vale-se de sua habilidade com a escrita, fazendo uso de figuras de linguagem, metáforas, para tornar mais sutis suas observações. Em “Gargantua e Pantagrue”, Rabelais constrói uma analogia entre a organização hierárquica clerical e a organização de um hipotético grupo de pássaros, munindo-se de uma linguagem irônica para, através de suas reflexões sobre a estrutura de funcionamento desta sociedade de pássaros, criticar aspectos e características relativos à constituição e formação da organização da Igreja (MARQUES, 1986, p. 95–96). Rabelais utiliza-se muito então da ambiguidade de seus textos, narrando histórias criativas e fantasiosas que, no entanto, traziam significações pertinentes ao seu contexto e muito inconvenientes para as instituições eclesiásticas.

REALIDADE E MATERIALISMO COMO FORMAS DE OPOSIÇÃO

Outra questão que traz semelhanças entre o pensamento de Menocchio e Rabelais, e exemplifica uma discordância destes com a doutrina católica, pode agrupar dois pontos: a ligação estabelecida entre a realidade vivenciada por eles e as teorias criadas, em contraposição à visão católica completamente celeste, e o pensamento baseado no materialismo, em contraponto ao idealismo católico e à sua antipatia ao plano material.

Esses aspectos da realidade francesa e, por extensão, européia, casam-se, como já foi dito, às situações e aos fatos cômicos e absurdos, tais como a peste ocasionada pela exagerada refeição de alhos de Pantagruel, os pombos que entram boca adentro enquanto o gigante boceja, os dentes transformados em montanhas, e o próprio motivo da existência de um mundo dentro da boca do gigante. Rabelais mistura em sua narrativa aspectos objetivos, alusões a fatos da realidade européia, a assuntos do universo absurdo-grotesco, construindo um estilo plural e multifacetado (SOUZA, 2010, p. 5).

Rabelais faz suas narrativas superpondo três planos: a realidade do cotidiano e das experiências vividas por ele; eventos que ocorriam na França, a exemplo de guerras e planos da realeza; uma visão carnavalesca e popular sobre os acontecimentos, de maneira cômica e grotesca, pelo povo (BAKHTIN, 1987). Reforço, deste modo, a ideia já brevemente apresentada de como Rabelais trazia críticas em cima de questões da realidade de seu contexto por meio de narrativas fantasiosas, jogando com a ambiguidade de seus escritos.

Menocchio, da mesma maneira, ao longo de suas discussões ao decorrer dos processos que sofreu, desenvolve sempre uma relação entre sua argumentação e experiências ou realidades de seu contexto. Citemos uma das falas de Menocchio: “Tudo pertence à Igreja e aos padres. Eles arruinam os pobres. Se têm dois campos arrendados, esses são da Igreja, de tal bispo ou de tal cardeal” (GINZBURG, 2006, p. 50).

Essa procura em um amparo no empíri-

co, nos fatos da realidade vivida, demonstram o descontentamento de nossos dois personagens, reflexo de um sentimento que paira sobre toda a população, com a situação material de existência; aproveita-se o espaço aberto pela conjuntura do momento para então expressá-lo.

É interessante fazer uma análise da relação desta visão realista com o ideal materialista trazido tanto por Menocchio como por Rabelais. Menocchio, buscando uma relação maior da religião com o seu contexto, com a sua própria realidade vivida, elabora teses mirabolantes relativas a questões como a criação do universo e a eternidade de Deus:

Eu disse que segundo meu pensamento e crença tudo era um caos (...) de todo aquele volume em movimento se formou uma massa, do mesmo modo como o queijo é feito do leite, e do qual surgem os vermes, e esses foram os anjos (GINZBURG, 2006, p. 97).

[...] porque se diz que o homem é formado a imagem e semelhança de Deus, e no homem existe ar, terra, fogo e água, e disso segue que ar, terra, fogo e água são Deus (GINZBURG, 2006, p. 187).

Na explicação delas, baseia sua argumentação em analogias com aspectos materiais de seu cotidiano ou, talvez, principalmente, de sua compreensão. Traz a ideia da putrefação do queijo para explicar sua criativa cosmogonia, uma percepção de seu dia a dia que correlaciona com sua tese. Porém, além deste elemento da relação com sua realidade, é visível aqui a ideia de criação espontânea, que era compartilhada por todos os intelectuais da época. Isto nos mostra como a composição dos pensamentos deste moleiro se elabora de maneira complexa e sob diversas influências, que vêm de sua tradição camponesa como também de suas leituras.

Assim, este apelo ao mundo material desagrada sobremaneira a ideologia católica, tanto por ir de encontro com formulações teológicas (como por exemplo, a ideia de “morto o corpo, morre a alma”, a concepção de Deus como uma fusão dos quatro elementos, levando à conclusão de que tudo é Deus, e a própria teoria da criação espontânea, que afronta diretamente as teses de criacionismo da Igreja), como por não adequar-se às práticas do cristianismo, o qual baseia-se muito mais em uma visão do celeste e da fé, do que em um mundo terreno de experiên-

cias, exemplificado pelo materialismo religioso deste moleiro (GINZBURG, 2006, p. 116, 120).

Todavia, creio que a utilização desta concepção materialista de Menocchio não tenha como intuito primordial contrapor a Igreja, utilizando deste artifício como um modo de oposição e crítica; esta concepção seria muito mais uma herança da tradição camponesa sobre ele. Rabelais, pelo contrário, traz à tona o realismo grotesco presente na cultura popular francesa justamente como uma ferramenta de oposição e escárnio aos códigos de conduta e julgos do catolicismo. Rabelais estrutura seus escritos com o caráter da cultura popular francesa, o que o leva, através do tom irônico representado pelo riso, a opor-se ao tom elevado da Igreja Católica. Como diz Bakhtin (1987, p. 3), “O mundo infinito das formas e manifestações do riso opunha-se à cultura oficial, ao tom sério, religioso e feudal da época”.

Este realismo grotesco nos leva a um plano material e corporal, o qual, contudo, imbuído em uma ideia de renovação infinita, composta por ciclos. A degradação do corpo, por exemplo, que nos remete a um plano corporal, se enquadraria dentro do ciclo de renovação, onde é preciso o velho para nascer o novo. Por isso, nas crônicas de Rabelais, observa-se muitas vezes, representada a figura da mulher velha e já deformada pelo e ao mesmo tempo grávida, enfatizando este raciocínio de regeneração (BAKHTIN, 1987). O baixo corporal é também muito recorrente nos livros de Rabelais; porém, não deve ser visto com a percepção que temos hoje, mas com a concepção irônica do riso daquela cultura. Era com este tom que se dava a abordagem do baixo corporal, o que concretizava-se como um choque para a cultura séria e religiosa do catolicismo. Um trecho como este de “Gargantua”, o qual causa desconforto mesmo hoje, acarretaria em um sério confronto com a moral católica do século XVI:

[...] E vós, meus caros gaiatos, se encontrades algumas em cuja intenção valha a pena abrir a braguilha, trepai em cima e, por favor, trazei-as para mim (RABELAIS, 1986, p. 56). [...] Uma tarde, no dia 3 de fevereiro, escapou-lhe o reto, por ter comido dobradinha demais. Dobradinhas são tripas gordas de reses. Reses são bois gordos engordados na manjedoura e nos pastos (RABELAIS, 1986, p.58).

Esses dois exemplos abordam assuntos sobre sexo, banquetes e comilanças, os quais relacionados ao baixo corporal de um modo que, sem dúvida, não seguia a conduta católica imposta pelas rígidas instituições monásticas da época. Rabelais apresenta inúmeros outros trechos que trazem este lado do riso irônico e renovador manifestado por esta sociedade, que por meio de suas representações e práticas culturais expressava seus descontentamentos, concepções e opiniões acerca daquilo que os envolvia (sempre utilizando-se do estilo de “dizer, rindo, a verdade”, como definiu Bakhtin).

Uma das maneiras de expressão da sensação popular do mundo se dava mediante festejos carnavalescos. Estes, usando as palavras de Bakhtin:

Ofereciam uma visão do mundo, do homem e das relações humanas totalmente diferente, deliberadamente não-oficial, exterior à Igreja e ao estado; pareciam ter construído, ao lado do mundo oficial, *um segundo mundo e uma segunda vida* (BAKHTIN, 1987, p. 5).

Aqui, Bakhtin introduz a ideia de uma dualidade de mundos, onde o carnaval seria a vida festiva do povo, a fuga provisória dos moldes da vida oficial. Impregnadas pelo princípio do riso, e relacionadas às formas do espetáculo teatral. Essas festividades carnavalescas criavam a oportunidade de manifestação de seus descontentamentos, da vontade de soltar as amarras que os prendiam em um modelo opressor e estabelecer seus próprios meios de se vivenciar o cotidiano, guiados assim por um ideal de liberdade. Assim, as rígidas instituições monásticas sofreram duras críticas, rigidez esta muito atacada por Rabelais.

AS CONCEPÇÕES DE NOVOS MUNDOS TRAZENDO PERSPECTIVAS DE MUDANÇA

Após discutir acerca dos principais pontos criticados por Menocchio e Rabelais, da maneira como estes realizavam e dirigiam suas críticas, da relação entre a realidade vivenciada com as ideias estabelecidas e do materialismo utilizado por estes dois indivíduos, gostaria de levantar um último ponto interessante de comparação, que diz respeito ao conceito que tanto Menocchio como Rabelais possuem acerca de um “outro mundo”. É importante lembrar que

este período vive a descoberta do novo mundo, ao mesmo tempo em que ainda guarda as memórias fantásticas do lendário Reino de Prestes João. Cria-se com isso um complexo imaginário relativo a regiões distantes, habitadas por criaturas estranhas e fantásticas. Cria-se um lugar idealizado, o qual traz uma crítica às instituições sociais, como a Igreja, o que fica exemplificado pelas palavras de Menocchio: “desejava que existisse um mundo novo e um novo modo de viver, pois a Igreja não vai bem e não deveria ter tanta pompa” (GINZBURG, 2006, p. 46).

No imaginário de Menocchio, o paraíso “é como estar numa festa”, remetendo muito mais a um paraíso camponês do que propriamente cristão. Representa o fim do trabalho, a negação do cansaço diário; lá, são inúteis ferramentas e instrumentos dados por Deus para o homem realizar suas tarefas: são simplesmente coisas desnecessárias. Neste paraíso, há a abundância de comida (rios sempre repletos de leite, mel, vinho e água doce, e todas as frutas de todas as estações), casas adornadas por pedras preciosas, e as donzelas mais bonitas que se possa imaginar. E quando os inquisidores perguntam a ele se acredita em um paraíso terrestre, Menocchio responde com sarcasmo: “Eu acredito que o paraíso terrestre esteja onde existam gentis-homens que possuem muitos bens e vivem sem se cansar”, exaltando com isto a sua percepção da realidade desigual que presenciava.

Esclarecimento este que não se contrapõe, embora pareça, com a ideia fantástica de paraíso que ele havia formulado anteriormente. Essa também nada mais é que a percepção de sua realidade e o que não lhe agrada nela, a exemplo do trabalho incessante e da escassez de alimentos. Neste idealismo, se encaixa a utopia do país da Cocanha, um “mundo novo” de abundância que não conhece os vínculos das instituições sociais (GINZBURG, p. 126-131, 133-139).

Rabelais desenvolve em “Pantagruel” um conceito de “outro mundo” um pouco diferente do de Menocchio: este assemelha-se muito com o mundo em que vivia, e, embora configurado como outro mundo, traz características de aproximação muito claras com o seu. No capítulo XXXII do livro, Rabelais narra o episódio em que Alcofibras, soldado do gigante Pantagruel, protege-se da chuva embaixo da língua do gigante. Entretanto, acaba entrando em sua boca, e encontrando lá um novo mundo, onde o

cenário geográfico, como em seu mundo, também possui montanhas e florestas. Alcofibras encontra lá um pobre vendedor de repolhos; em seguida, toma conhecimento de uma peste que assolara a região. Desse modo, percebe como este mundo assemelha-se ao seu, onde também existem florestas, montanhas, humanos, doenças, trabalho e desigualdade social. Esta narrativa traduz um momento importante durante o Renascimento: a chegada às terras orientais e às terras da América. Com essa perspectiva, Rabelais formula críticas à situação europeia, e desmistifica a idealização de um novo mundo (SOUZA, 2010).

Analisando essas formulações acerca de um mundo diferente, percebemos como as concepções de Menocchio e Rabelais demonstram a influência exercida pelas descobertas de novas terras por parte dos europeus, e aproveitam para trazer sua indignação com a situação dos seus próprios mundos. Além deste sentimento de descontentamento, há um forte desejo e esperança de mudança, que paira sobre várias partes da conjuntura europeia renascentista. Esta alteração no campo das ideias e as respectivas novas demandas buscadas também podem ser exemplificadas nesta afirmação:

A obra rabelaisiana encontra-se em interação com a realidade de seu tempo por meio das críticas aos costumes e dogmas da Igreja medieval, tais como o sistema de indulgências, a condenação à morte por heresia, a ultrapassada educação sofista, o discurso teológico e as rígidas instituições monásticas da época. Dessa oposição surgem, por assim dizer, motivos reformistas na obra como a preferência pela nova educação humanista e a criação de um convento utópico onde reinam a total liberdade e a vontade dos habitantes, tal como a abadia de Telema (SOUZA, 2010).

Há, na segunda frase desta citação, o levantamento da questão que trata sobre a liberdade dos indivíduos, conceito muito explorado durante esta conjuntura reformista. Grupos como o dos anabatistas idealizavam a liberdade e a tolerância, o que aproxima-se à ideia de liberdade da abadia de Telema, bem como das ideias trazidas pelas concepções de novo mundo de Menocchio e Rabelais.

Aproveitando que tocamos na questão

da tolerância, destaco que há no pensamento de Menocchio uma relativização das crenças e a respectiva ideia de convívio e entendimento entre as religiões, trazida de maneira muito inovadora. Este enfatiza a equivalência entre as Igrejas como realidades ligadas à vida social, argumentando que era cristão por seus pais e avôs também o serem, e por isso achava ser o cristianismo a melhor religião. No entanto, se fosse de uma família muçulmana, pensaria ser o islamismo a melhor fé a ser seguida. Afirmar ser de determinada religião apenas por acaso, por tradição, implica numa visão muito mais tolerante perante as outras crenças, já que, como o próprio Menocchio diz, “cada um acha que sua fé seja a melhor, mas não sabe qual é a correta” (GINZBURG, 2006, p. 164-165). Acredito que esta concepção de tolerância é um dos pensamentos mais interessantes de Menocchio e até mesmo de muita valia para se refletir em cima de questões atuais.

Retornando aos pontos levantados pela citação de Souza, temos que o repúdio de Rabelais à pena de morte por heresia não surtiu efeito ao menos até o fim do século, já que em 1599 Menocchio foi condenado à morte e executado como herege pelo Santo Ofício. Compondo, então, o quadro das relações de poder da época, todas estas aspirações e ideias que manifestam-se dentro da ideologia reformista duelam com o conservadorismo da Igreja Católica, que instaura mecanismos para contra-atacar estes novos pensamentos que questionam seus fundamentos. Menocchio, deste modo, foi vítima deste contra-ataque, como quase também o foi Rabelais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base no que foi visto, chegamos a percepção deste momento como uma época caracterizada por este fervilhar de novas concepções e ideologias, onde se estimula o questionamento, o pensar. A ascensão da burguesia, as grandes navegações, a invenção da imprensa, as ideias humanistas, o ideal renascentista, a Reforma e outros inúmeros fenômenos, compõem o leque de acontecimentos que formam a conjuntura deste período, levando a outros fenômenos históricos e mantendo relações um com o outro. Como discutimos, esta alteração de contextos resulta na formação de novas necessidades sentidas pelas pessoas, que assim

tentarão fazer com que as estruturas e as instituições sociais se adaptem às suas demandas, através de contestações conduzidas a questões cotidianas e da própria realidade do povo (o que leva a esta alteração das instituições e estruturas de poder). Temos aqui, portanto, a ideia de história vista “de baixo para cima”.

O emaranhado de acontecimentos que se funde na conjuntura abordada leva a este tremor nas bases da Igreja Católica, que visualizamos analisando os casos de Menocchio e Rabelais. Sem dúvida, este momento deu entrada a um novo período para a Igreja, que passou a ser contestada como instituição possuidora de poderes de jurisdição sobre a população, o que foi culminar com a ideologia iluminista. Há uma mudança teórica e política destas instituições, e a dissidência entre católicos e reformistas ilustra estas alterações causadas pelas novas correntes ideológicas que fluem pela Europa.

Assim, com base na comparação entre dois recortes geográficos específicos e relativamente afastados, detectamos características e ideias que vigoravam em ambos contextos, chamando atenção para um contexto mais amplo e abrangente: os microcontextos de Rabelais e Menocchio estavam, sem sombra de dúvida, sob a influência do macrocontexto europeu. Rabelais e Menocchio, ao se oporem a uma instituição que não soube se adaptar a novos modelos de sociedade, colocavam-se dentro do pensamento contestador e transformador que vigorou na Europa desde os tempos de Galileu até a afirmação do Iluminismo, que concretizou, nas sociedades ocidentais, um novo modo de percepção do mundo.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na idade média e no renascimento**: o contexto de François Rabelais. Tradução Yara F. Vieira. São Paulo: Hucitec, 1987.

BRAUDEL, F. História e Ciências Sociais. A longa duração. In: **Escritos sobre a História**. Tradução Jacó Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1992.

CHARTIER, R. Os tempos da história. In: **A história ou a leitura do tempo**. Tradução Cristina Antunes. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

GINZBURG, C. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição.** Tradução Maria B. Amoroso. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

HOBBSBAWM, E. A história vista de baixo para cima. In: **Sobre história.** Tradução Cid Knipel Moreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

RABELAIS, F. **Gargantua.** Tradução Aristides Lobo. São Paulo: Hucitec, 1986.

RABELAIS, F. **Gargântua e Pantagruel.** Tradução David Jardim. Rio de Janeiro: Vila Rica, 1991.

MARQUES, A. M. **História Moderna através de textos.** São Paulo: Contexto, 1989.

SOUZA, M. A representação mimética da realidade na obra de François Rabelais. In: COLÓQUIO DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS, 4., 2010, Maringá, **Anais...** Maringá: Universidade Estadual de Maringá, 2010.

LA CRISIS DE LA IGLESIA CATÓLICA EN EL RENACIMIENTO: UN DIÁLOGO ENTRE RABELAIS Y MENOCCHIO

RESUMEN: Al final del siglo XV y por todo el siglo XVI, la Europa pasó por momentos de intensas transformaciones económicas, sociales y políticas. El mercantilismo empieza a imponerse, las ideas humanistas y renacentistas pululan por el continente y la Reforma modifica considerablemente las estructuras de la sociedad europea occidental. Para comprender mejor la naturaleza de los fenómenos que llevaron a la contestación de las antiguas estructuras de la sociedad europea (enfocando en la institución católica), así como el respectivo alcance de ese proceso de contestación, son comparadas las perspectivas de Rabelais a las de Menocchio, dos figuras que vivenciaron esta coyuntura de transformaciones a partir de contextos diferentes.

PALABRAS CLAVE: Reforma; Menocchio; Rabelais; Renacimiento; Humanismo; Coyuntura.